SAÚDE

O SUPERCONGRESSO

3.500 especialistas, 400 conferencistas e dois mil acompanhantes, de 91 países, reunidos em São Paulo.

(Um movimento de 600 mil dólares diários no turismo)

Trabalho gigantesco: preparar o grande congresso.

Para Flavio, aos dois anos de idade, é difícil compreender por que o "vovô Beta", nos últimos meses, não lhe dá mais atenção. Não o leva a um passeio, fica por mais de uma semana sem vê-lo. O menino anda triste: sente falta, reclama. Mas como fazê-lo entender que o avô — Agostinho Bettarello, professor titular de Gastroenterologia da Faculdade de Medicina da USP — no momento nem sequer tem tempo de ir ao seu consultório atender a uma média de 15 clientes que o procuram diariamente, porque é o presidente do 8º Congresso Mundial de Gastroenterologia ?

Um acontecimento no Brasil, em destaque para São Paulo, que do dia 7 a 12 desse mês — no Palácio das Convenções do Parque Anhembi — será o centro das atenções médicas mundiais no campo da Gastroenterologia. E ainda da Endoscopia Digestiva e Coloproctologia, áreas em torno das quais estarão se desenvolvendo congressos simultâneos, como acontece de quatro em quatro anos, cada vez num ponto do mundo.

A partir desse fim de semana, a paisagem e a própria vida da cidade estarão um tanto modificadas: desembarcarão aqui 3.500 especialistas e mais 400 professores conferencistas — com seus dois mil acompanhantes —, vindos de 91 países, só para esse congresso. Serão, no mínimo, 600 mil dólares por dia girando no mercado turístico de São Paulo. E ainda é importante considerar os 2.500 professores brasileiros, dos mais diversos locais do País, que também estarão no congresso nesta próxima semana.

Verdadeira transformação não só na cidade, mas na vida de dezenas de pessoas que especialmente nos últimos meses dedicam-se em tempo integral à realização do acontecimento. Difícil imaginar, em detalhes, o trabalho que está por trás de um congresso assim, com um custo estimado em três milhões de dólares, ou 40 milhões de cruzados. subsidiados pela indústria farmacêutica e laboratórios do mundo todo, que inclusive estarão fazendo exposição de seus produtos, paralela ao evento.

Quatro anos de preparo

1982, Estocolmo. Foi ali que começou o trabalho, durante o último congresso mundial desse tipo. Desde que o Brasil foi escolhido como o próximo organizador do acontecimento. Indicado para presidi-lo, por um grupo de nossos mais conceituados gastroenterologistas ligados à Federação Brasileira de Gastroenterologia, o professor Bettarello aceitou a incumbência. Tornou-se o responsável pela organização científica do congresso, por toda sua programação em si. E conta que não perdeu tempo:

— A primeira providência, ainda em 1982, foi formar um comitê organizador local. Para isso, contamos com meia dúzia de médicos de experiência internacional, falando duas, três ou até quatro línguas. As sociedades brasileiras de endoscopia, proctologia e gastroenterologia indicaram seus membros.

Formado o comitê, explica o professor, passaram a ser consultadas as sociedades nacionais dessas especialidades dos vários países, que deram — sempre por correspondência — suas sugestões sobre os temas mais adequados e pessoas indicadas para abordá-los. Também foram consultadas as sociedades brasileiras estaduais.

A coleta de dados levou um ano. Mas como todo cuidado é pouco, na seleção final dos temas de um congresso dessa importância, ela só foi realizada com assessoria de especialistas de vários países. Eles formaram um comitê internacional, designado pelo presidente da Organização Mundial de Gastroenterologia, Francisco Vilardell.

Foi no Congresso Europeu de Gastroenterologia, em Lisboa, há dois anos atrás, que esse comitê se reuniu e escolheu finalmente os assuntos que seriam tratados agora. Mas o trabalho brasileiro de organização científica continuou. Ainda havia muito o que fazer.

O programa geral foi preparado. Chegou a vez de uma outra fase de decisões: quem seriam os conferencistas e moderadores de simpósios? Novas consultas foram feitas, por carta, ao mundo todo. Em torno de 800 especialistas deram suas opiniões. Finalmente, convidados mais de 400 conferencistas — também por correspondência —, constatou-se que o nível de recusa foi baixíssimo: menos de 3%.

Vitória para nossos organizadores, que prosseguiram em seu trabalho. Uma vez acertada a participação dos conferencistas e mais de 200 moderadores, coube a estes últimos indicar o nome dos "panelistas", isto é, dos participantes dos respectivos simpósios (onde cada tema é abordado e discutido por cinco diferentes especialistas). Estes também foram convidados por carta. Pronto. Estavam afinal organizados cerca de 40 simpósios e 45 conferências, três delas feitas por ganhadores de prêmio Nobel: o inglês John Vane, a americana Rosalyn Yallow e o sueco Bengt Samoelson.

E ficou decidido: posters e material expostos nas apresentações seriam providenciados pelos próprios conferencistas.

O que significa para o Brasil e nossos especialistas um acontecimento dessa ordem sendo realizado aqui? O professor Bettarello responde:

— O médico especialista brasileiro não terá outra chance na vida de, por um preço acessível, Cz$ 3.400,00 — a metade do que pagarão os estrangeiros — tomar contato com a comunidade médica mundial e o que há de mais recente na área. Por outro lado, o português é a língua oficial. A outra língua usada será o inglês, mas sempre com tradução simultânea. Oportunidade única para nossos profissionais.

Alimentação, transporte, instalações...

Além da parte científica, no entanto, ainda há muito mais para providenciar num acontecimento desse tipo. É preciso cuidar da logística, que vai desde a recepção dos congressistas e acompanhantes e sua programação social e cultural até as instalações do congresso em si. Para estruturar tudo isso foi contratada — também há quatro anos, quando já começou seu trabalho — uma firma especializada. A Congrex do Brasil, com sede no Rio e filial em São Paulo.

Christina: "Isso mudou minha vida".

Atualmente, quem vê seu escritório, na avenida Nove de Julho, surpreende-se. São mais de 200 chamados telefônicos ou por telex que chegam ali por dia, de todo parte do mundo. Com gente entrando e saindo a cada minuto, o lugar transformou-se numa verdadeira central de decisões e informações, onde trabalham 30 funcionários, a maioria mulheres. Assim como a presidente da empresa, Christina Castello. Mesmo às vésperas do início do congresso, parece ser com tranqüilidade que essa carioca de 34 anos enfrenta a situação. Mas confessa:

— Esse congresso transformou minha vida. Já organizei cerca de outros 30, mundiais, igualmente importantes para mim, mas esse — sem dúvida — é o maior empreendimento. Um grande desafio. Por causa dele, há dois anos não saio da ponte aérea. Sou casada — tenho um filho de 15 anos que compreende a situação e até me entusiasma, como meu marido — mas só passo na minha casa, no Rio, dois dias da semana. Os outros três fico num hotel, em São Paulo. No sábado e domingo, Rio outra vez. E o jeito é pegar uma praia para ver se o sol me dá energia...

Energia não pode mesmo faltar à Christina, para que consiguisse providenciar toda a estrutura do maior congresso médico realizado em São Paulo, somente comparável a um que houve no Rio, há anos atrás, de radiologia. E ela fala de todos os detalhes em que teve de pensar, contratando muitas empresas especializadas em cada tipo de serviço.

Com seus próprios funcionários — que há quatro anos eram 0, nesse trabalho —, fez um levantamento de todos os médicos especialistas na área, consultando para isso — por correspondência — sociedades de gastroenterologia do mundo inteiro. Um serviço cuidadoso organizado através de computador, que exigiu cerca de seis meses, para reunir um universo de 70 mil profissionais do mundo todo e inclusive brasileiros.

Em seguida, entrou a fase de divulgação do congresso. Apesar de ainda faltarem três anos para sua realização, naquela época já tiveram de ser feitos milhares de folhetos, enviados a todos os possíveis participantes, com informações científicas ainda preliminares, mas que também procuravam sensibilizar as pessoas para o lado turístico do país. Verdadeiro trabalho de marketing. Que se repetiu a cada seis meses, com a confecção e envio de novos folhetos, levando informações mais atualizadas.

Além dessa correspondência, especialmente nos últimos meses, não foram poucos os outros detalhes providenciados. E a Congrex passou, então, a contratar firmas especializadas.

A instalação do congresso — que só oferecerá acesso aos seus participantes — no Palácio das Convenções do Anhembi exigiu projetos de arquitetura, para adaptação do espaço. Ali estão sendo construídos provisoriamente dois pavilhões extras, que acomodarão, inclusive, um restaurante — Dinhos Place — montado no local especialmente para o almoço dos congressistas. E a grande exposição das indústrias farmacêuticas e de equipamentos endoscópicos, com **stands** chamativos e diferentes, como o formado por um enorme estômago eletrônico, onde as pessoas entram e podem observá-lo por dentro.

Equipamentos em geral tiveram de ser alugados; pessoal providenciado. Assim como mais de três mil audiofones para tradução simultânea e intérpretes altamente especializados em medicina. Uma equipe de projeção de **slides**, filmes e vídeos também foi contratada, com sua aparelhagem. Empresas especializadas em sonorização também foram chamadas, com seus microfones e gravadores colocados em todas as salas.

Equipamentos gerais — como máquinas de escrever e xerox foram alugados. E ainda houve a contratação de 15 faxineiras, 20 homens de segurança, 12 datilógrafas e 160 recepcionistas bilíngües, que estarão distribuídas desde o aeroporto até os hotéis e o Palácio das Convenções.

Foi contratada, ainda, uma empresa que cuidou da adaptação do local, montagem e decoração dos **stands**. Floriculturas tiveram também de prestar seus serviços. E, além de tudo isso, a própria parte social e cultural da vida noturna dos congressistas, aqui em São Paulo, também foi organizada pela Congrex. Entusiasmada com a programação criada, Cristina comenta:

— Tentamos agradar a todos os gostos, procurando oferecer várias opções para cada noite. No dia da abertura, por exemplo, organizamos um coquetel para todos. Para as outras noites, haverá programas com a apresentação da orquestra sinfônica, que tocará no Cultura Artística. Ou a do balé Stagium, no teatro Sérgio Cardoso. Haverá uma noite no Jóquei Clube, shows de música popular brasileira — com a participação de 150 figurantes da escola de samba Beija Flor —, a possibilidade de assistir a um jogo de futebol no estádio do Palmeiras. Para as mulheres dos congressistas — que não participarão das sessões científicas — também foi organizado um programa especial. Como um passeio à feira de artesanato do Embu, montada, naquele dia, especialmente para elas. Para o transporte geral, 120 ônibus e mais 20 automóveis foram providenciados.

Finalizando, houve ainda todo o serviço de reservas de hotéis, que não foi pequeno. E ficou por conta das agências de turismo Gatti e South American (que também cuidaram do transporte dos congressistas). 64 hotéis de São Paulo foram mobilizados, com uma média de cinco mil apartamentos reservados já há um ano. Não há mais lugares, na cidade. Até mesmo os clientes habituais dos hotéis estão recebendo cartas, que os aconselham a não vir para cá, nessa semana.

Lindinha Sayon